

# JOÃO DO RIO E AS REPRESENTAÇÕES DO RIO DE JANEIRO: O ARTISTA, O REPÓRTER E O ARTIFÍCIO – MODERNIDADE PERIFÉRICA E REPRESENTAÇÕES DO RIO DE JANEIRO IMPRESSÕES DO BRASIL: CRÔNICAS DO SÉCULO XX

**Aluna: Juliana Santiago Gontijo**  
**Orientador: Renato Cordeiro Gomes**

## **Introdução**

João do Rio foi um dos muitos pseudônimos de Paulo Barreto, homem das letras que ingressou no jornalismo, tornando-se o repórter mais expressivo do país no início do século XX. Dedicou-se à imprensa, onde desenvolveu uma obra juntamente jornalística e literária; documental e fictícia.

Utilizando a então capital – o Rio de Janeiro – como metonímia do Brasil, João do Rio representava em suas crônicas imagens de uma República recente, que ingressava no processo de modernização, tentando esquivar-se de suas raízes coloniais.

Interessado não apenas no Rio da *belle époque*, que se desenvolvia aos moldes de Paris, flanava também pela cidade periférica, às margens do progresso moderno, e incluía em seus registros o submundo renegado pela República que se afirmava.

O presente estudo examina crônicas do autor que retrataram características particulares do construto de nação que se constituía àquela altura, nas quais traduzia tanto suas percepções dos salões como da cidade que a modernização escondia.

## **Objetivo**

O objetivo foi estudar a concepção de nacionalidade no Brasil nos primórdios do século XX, a partir de crônicas selecionadas do João do Rio. Tomando a imprensa como meio de comunicação por excelência da época, investigou-se como o jornalista/escritor reassegurou as pessoas “das raízes visíveis do mundo imaginado na vida cotidiana” [1], formando, assim, conceitos do país.

## **Metodologia**

Esta pesquisa concentrou-se em crônicas como: "Chegada de um estrangeiro ao Rio", extraída de *Os dias passam...* (1912); "O velho mercado" e a série sobre a Exposição de 1908, publicadas no *Cinematografo* (1908 e 1909); "Zé Pereira", de *Crônicas e fases de Godofredo de Alencar* (1916), "As pequenas profissões", de *A alma encantadora das ruas* (1908), "Os encantadores", de *Pall Mall Rio, o inverno carioca de 1916* (1917) e "Frívola City". Esta última foi publicada em 1908, em *A Notícia* e, aqui, transcrita a partir da fonte primária consultada na Biblioteca Nacional.

Para contextualizar o cenário em que João do Rio escrevia, foi utilizado, entre outros títulos, o livro *Literatura como Missão* (1983), do historiador Nicolau Sevcenko. Na interpretação do material selecionado, o estudo dialoga com autores como Benedict Anderson, com *Comunidades imaginadas* (1983); Eric Hobsbawm, com *A invenção das tradições* (1983) e ; Komi H. Bhabha com *O local da cultura* (1994); Silviano Santiago e seu texto *Destino: globalização; Atalho: nacionalismo. Recurso: cordialidade.*(2008) e Eliza Linhares Borges que assina o ensaio “*Exposição Nacional de 1908 e a produção de identidade nacional brasileira* (2008), além dos textos de Renato Cordeiro Gomes, o orientador, com destaque para os livros *João do Rio: velas do vício, ruas da graça* (1996) e *João do Rio por Renato Cordeiro Gomes* (2005).

## Conclusão

Nesta abordagem, inquiriu-se a cidade narrada por João do Rio, para a qual era necessário trazer o progresso, alinhando-a com os padrões e o ritmo europeus. Era a transformação da cidade velha e suja em algo belo e higiênico, como exigiam os preceitos da modernidade. As mudanças do espaço público, modo de vida e mentalidade do carioca se deram através de quatro princípios básicos: condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada; expulsão das camadas populares para a periferia e um cosmopolitismo agressivo, identificado com a vida parisiense, como ressalta Sevcenko.

Ao mesmo tempo em que o João do Rio foi simpático à modernização e suas tecnologias, investigava e escrevia sobre a cidade da “afetação”, dos estrangeirismos, que não conhecia a si mesma e nem ao próprio país no qual estava inserida. Sua obra foi reflexo de vinte anos da vida carioca de civilização em marcha, na qual apontou recorrentemente "a ferida escondida pela ostentação" [2]. Deste modo, sua escrita, para usar as metáforas-conceito sugeridas por Renato Gomes, enveredou tanto para a “cena” da cidade – dos salões, das *modern girls*, do *music-hall*, dos teatros, quanto para sua “obscena” – da miséria e das figurações do vício e do ócio. Compreendia a então capital da República pelo viés deste paradoxo.

A partir da ideia de “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson, ao descartar que nações modernas criam abstrações a respeito de si mesmas, foi possível identificar a leitura/interpretação do Brasil, através de representações do Rio de Janeiro, então Capital Federal, realizadas nas crônicas de João do Rio, que na busca incessante pelo reconhecimento de si mesmo através do outro, revelava as contradições de um país que queria ser moderno, sob o signo da ordem e do progresso.

Deste estudo resultou o ensaio: “Impressões do Brasil: o país narrado por João do Rio”.

## Referências

1 - ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 68.

2 - GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio por Renato Cordeiro Gomes**. Rio de Janeiro: AGIR, 2005, p. 24.